

Entre os teus olhos

Raquel Miragaia

Formas de citación recomendadas

1 | Por referencia a esta publicación electrónica*

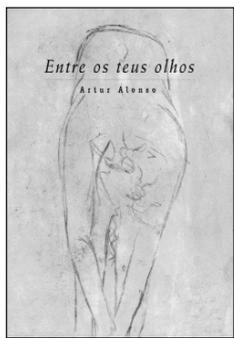
MIRAGAIA, RAQUEL (2011 [2003]). “*Entre os teus olhos*”. *Agália*: 75-76, 283. Reedición en *poesiagalega.org*. *Arquivo de poéticas contemporáneas na cultura*. <<http://www.poesiagalega.org/arquivo/ficha/f/223>>.

2 | Por referencia á publicación orixinal

MIRAGAIA, RAQUEL (2003). “*Entre os teus olhos*”. *Agália*: 75-76, 223.

* Edición dispoñíbel desde o 25 de xaneiro de 2011 a partir dalgunha das tres vías seguintes: 1) arquivo facilitado polo autor/a ou editor/a, 2) documento existente en repositorios institucionais de acceso público, 3) copia dixitalizada polo equipo de *poesiagalega.org* coas autorizacións pertinentes cando así o demanda a lexislación sobre dereitos de autor. En relación coa primeira alternativa, podería haber diferenzas, xurdidas xa durante o proceso de edición orixinal, entre este texto en pdf e o realmente publicado no seu día. O GAAP e o equipo do proxecto agradecen a colaboración de autores e editores.

ENTRE OS TEUS OLHOS



Quando nom se é leitora habitual de poesia, a aproximação aos livros deste género fai-se quase do preconceito. Mais ainda quando as diferentes tentativas de amar a poesia tiveram poucas possibilidades de êxito. Por isso, é muito agradável que chegue às tuas maos obras que se lêem deliciosamente e se gozam e, o qual é mais difícil, se compreendem. Isso foi o que me sucedeu com *Entre os teus olhos*, o primeiro livro de poesia de Artur Alonso Novelhe, editado pela Difusora de Letras, Artes e Ideias e com ilustrações de Marta Vega (Ourense, 2003).

Agradece-se também a delicadeza da edição e os oportunos desenhos. Tudo nesta edição transpira poesia, desde o formato até ao tipo de letra. É uma transversal que o impregna tudo e o transmite. Mas, sobre todas as cousas, *Entre os teus olhos*, é um livro de amor. E o amor de *Entre os teus olhos* é um processo. Aparece desde os inícios até o fim, passando por diferentes fases que tenham algo de quotidiano, de próprio, como se tu também alguma vez pudesses ter dito o mesmo (embora nom fosse em forma de poe-

sia). O amor que é arriscado nos princípios (“*nós crescemos ousados*”), que luta contra os demais por sobreviver (“*Ainda que ninguém dos presentes/ em ele acreditasse*”), que se sente e se necessita único (“*nem quanto tempo deitado/ procurei aquela noite/ enlouquecidamente sonhando/ palavras furtivas que tam só fossem pra mim*”), que nos serve de refúgio (“*mas nunca supuserom/ por mais e mais que imaginassem/ que tu virias comigo/ e nunca jamais deixarias que nada de mau me acontecesse*”) e que, uma vez perdido se serve da memória para o resgate, o resgate do objecto amoroso nom se sabe se esquecido ou arrebatado pola morte (“*por que nom te foste/ porque nunca te deixamos ir/ enquanto a nossa memória retenha o seu tempo*”). Um processo completo em que cada passo tem algo de nostálgico e muito de telúrico. E no qual há sítio também para o humor, ou para um piscar de olho com reminiscência medieval (“*Foi por um beijo teu/ que perdi meu amigo*”).

Embora entre no plano do anedótico, nom podó evitar fazer uma paragem sobre um aspecto que, como leitora feminina sempre atenta ao género, chamou a minha atençom. O “eu” poético que escreve é um “eu” masculino. Nom sabemos se o objecto de amor é também masculino ou feminino, no entanto, algo indeterminado no tom fai supor que é feminino. Porém, os habituais roles de género intercambiam-se no poema número 11, em que o masculino se torna protegido e o feminino protector. Também agradecida.

Raquel Miragaia